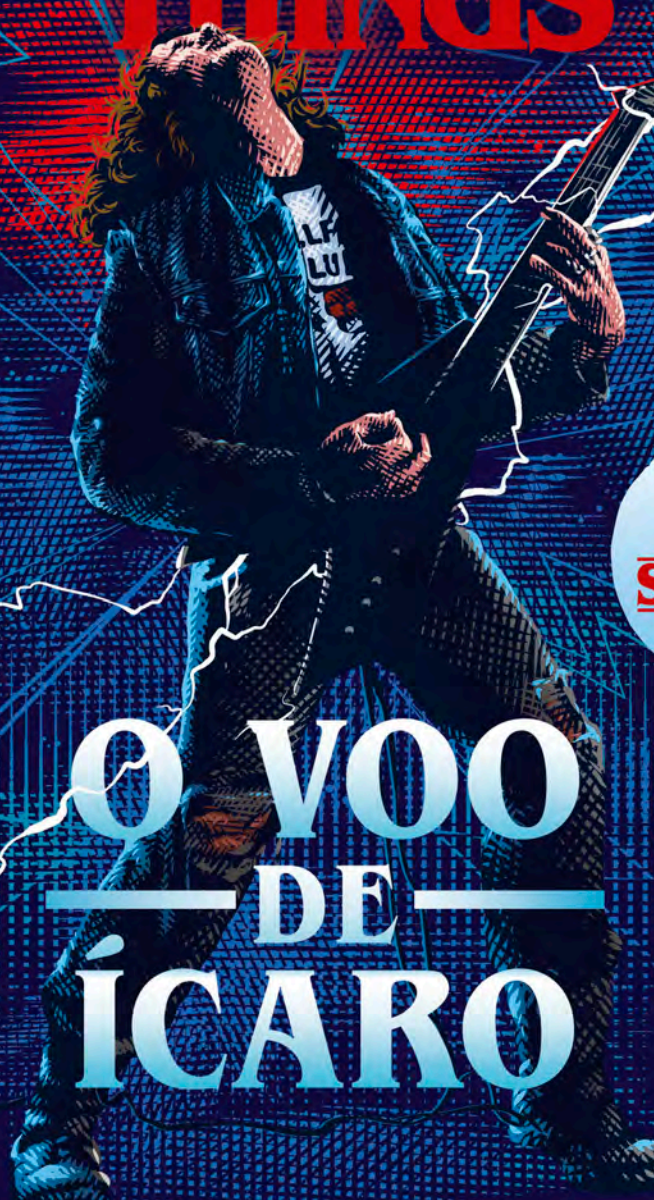


# STRANGER THINGS



UMA  
HISTÓRIA  
OFICIAL

**STRANGER  
THINGS**

## O VOO DE ÍCARO

CAITLIN SCHNEIDERHAN



**STRANGER  
THINGS**

**O VOO DE  
ÍCARO**

**CAITLIN  
SCHNEIDERHAN**

Tradução de André Marinho



Copyright © 2023 by Netflix CPX, LLC e Netflix CPX International, B.V.

Tradução publicada mediante acordo com Del Rey, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

STRANGER THINGS™ é uma marca registrada da Netflix CPX, LLC e NETFLIX CPX International, B.V. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Stranger Things: Flight of Icarus

PREPARAÇÃO

Lara Berruezo

REVISÃO

Marcela Ramos

Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Tracie Ching

DESIGN DE CAPA

Scott Biel

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S385s

Schneiderhan, Caitlin

Stranger Things: o voo de Ícaro / Caitlin Schneiderhan ; tradução André Marinho.  
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.  
256 p. ; 23 cm. (Stranger Things ; 3)

Tradução de: Stranger Things: flight of Icarus  
Sequência de: Stranger Things: cidade nas trevas  
ISBN 978-85-510-0917-8

1. Ficção americana. I. Marinho, André. II. Título. III. Série.

23-87197

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

*Para todas as ovelhas perdidas.  
E para as pessoas que lhes oferecem um lugar seguro.*

## Capítulo Um

— É. Você tá morto.

Do outro lado da mesa, o garoto me olha de queixo caído, o brilhante aparelho nos dentes bastante chamativo.

— Não estou, não — rebate ele.

— Você enfrentou um Kraken sozinho. Você tá muito morto, cara. Stan me dá um chute na canela.

— Vê se pega leve. Ele é calouro — diz Stan.

— Mas joga *Dungeons & Dragons* há quase um ano. Ei, calouro...

— Gareth — resmunga ele de algum lugar sob o cabelo ondulado e cheio.

— Com quantos pontos de vida você tá? — pergunto.

Gareth murmura alguma coisa que não consigo entender, mas tenho quase certeza de que rima com *Nero*.

— Foi o que pensei. Então me deixe explicar a próxima etapa. — Eu me inclino para a frente, as mãos em cada lado do meu Escudo do Mestre. — É o golpe final dos tentáculos do monstro o que acaba com você. A agonia o atinge, sobrepujando sua força de vontade, e sobra para os seus pulmões.

Ronnie atira uma borracha na minha cabeça.

— Minha nossa, Eddie! — exclama ela, mas há uma risada em sua voz.

— Por instinto, você tenta inspirar — continuo —, mas está a mais de sete metros da superfície do oceano Solnor, e o restante do grupo

está longe, na costa. O que significa que não há ninguém para salvar você, e o mar preenche sua garganta.

— Incrível! — declara Dougie, me observando incrédulo, com olhos arregalados de admiração.

— E é assim que ninguém testemunha seu corpo se contorcer pela última vez e afundar, sem vida, nas escuras profundezas do desconhecido. E assim termina a história de Illian, o Invencível, meio-elfo, paladino e campeão das Terras Perdidas.

A mesa explode em aplausos, um grande reconhecimento dos jogadores. Ronnie e Dougie são os mais entusiasmados, Dougie até se levanta, em uma demonstração de aclamação muito bem-vinda. Gareth, por outro lado, afunda na cadeira, cutucando desanimado o dado d20.

— Que palhaçada — diz ele.

— Como assim, Gareth? — indaga Dougie. — Você acabou de receber um monólogo de morte do Munson. Isso é, tipo, imbatível.

Os ombros magros de Gareth se encolhem de desânimo, mas ele ainda lança um olhar feroz para Dougie.

— E por acaso eu deveria estar feliz? Ele me matou! — exclama Gareth.

— Você não é especial, beleza? Ele estava tentando matar todos nós!

— *Tá bom* — digo, levantando as mãos para tentar conter a animosidade que está se formando. — Como seu humilde Mestre, vocês me dariam o prazer de calarem a boca?

Eles calam a boca. Isso me dá tempo suficiente para encarar cada um dos jogadores... e entrar em pânico, pensando no que vou fazer.

O Hellfire Club não é dos mais populares. Contando comigo, somos apenas seis. Ronnie e eu nos tornamos membros assim que entramos juntos no ensino médio, e mesmo com a resistência do Dougie para “entrar num clube de nerd”, um mês inteiro nos ouvindo declamar piadas internas das sessões do Hellfire Club o fez praticamente *implorar* por uma vaga.

Stan, que está no terceiro ano, chegou um ano depois, embora sua presença seja... imprevisível. A família dele colocou na cabeça que *Dungeons & Dragons* é um jogo que vem do próprio Satã e que só de

*encostar* em dados com mais de seis lados o pequeno e precioso bebê deles vai cair nas chamas da danação eterna. Stan se esforça para estar presente, inventa desculpas envolvendo reforço de matemática e deixa os materiais do RPG na casa da Ronnie, para afastar a mãe bisbilhoteira. Mas, mesmo assim, ele acaba perdendo uma a cada três sessões.

Jeff, do segundo ano, já faz parte do Hellfire Club há dois anos, mas parece que está com a gente bem mais tempo. Ele jogava com os irmãos mais velhos antes de entrar na Hawkins High e conhece quase tanto do jogo quanto eu. Ele com certeza entende mais de baixo do que eu, e é por isso que quase de imediato o recrutei para a minha banda, a Corroded Coffin, e ele toca de uma maneira que nem Ronnie, Dougie e eu conseguiríamos.

E temos o pequeno calouro Gareth. Ele está olhando intensamente para a lista de presidentes dos Estados Unidos colada na parede, como se quisesse usá-la para praticar tiro ao alvo.

É melhor ele se controlar. O grupo não pode arcar com mais um professor enfurecido, não quando muitos deles já se recusaram a dividir espaço com “esse culto satânico”. Toda segunda-feira eu dou início ao processo de encontrar e negociar com o pequeno grupo de professores que tem a mínima simpatia à nossa causa. Nesses encontros, barganho o direito de rolar uns dadinhos nas suas salas de aula na quarta-feira, assim que o último sinal bate, às 14h50. E toda segunda, quando converso com a sra. Debbs sobre sua futura aposentadoria e limpo o quadro de giz no laboratório do sr. Vick, me pergunto: *por que estou fazendo isso?*

Nunca encontrei uma resposta. Mas continuo aqui, toda semana. Não seria essa a definição de insanidade?

— Fique feliz, calouro — digo. — Hoje você aprendeu uma lição importante.

Volto a sentir o olhar de Ronnie sobre mim. Ela está girando uma caneta entre os dedos, tão rápido que a imagem chega a ficar difusa. Não olho em sua direção.

Gareth bufa.

— Que importância pode ter essa lição se eu não pôr em prática, já que não vou estar jogando? — pergunta ele.



Dá para ver que está angustiado, mas isso não é algo com que eu possa lidar diante de todo mundo.

— Bem, pessoal, acho melhor encerrar nossa sessão de hoje por aqui — digo, me endireitando.

O grupo suspira em desaprovação, principalmente Stan e Dougie.

— Vamos nos encontrar novamente na próxima semana — continuo —, quando nossos aventureiros sobreviventes adentrarão as profundezas do labirinto de... *Ralishaz, o Louco*.

Gareth está pronto para ir embora, já tinha jogado suas coisas na mochila o mais rápido que pôde. Ele empurra a cadeira, produzindo um som agudo de metal contra linóleo e bate a porta, fazendo a parede tremer.

Dougie bufa, assistindo à porta se fechar.

— Esse cara é um *saco*.

— Cala a boca, Dougie — comenta Ronnie, tranquila.

Ela levanta a sobrancelha para mim, uma pergunta silenciosa, mas eu já estou de pé contornando a mesa.

Por cima do ombro, enquanto saio pela porta, aviso:

— Mesmo horário semana que vem. Quem chegar atrasado terá o mesmo tratamento do Illian. Entendido?

Escuto “com certeza” e “até parece” em resposta.

Gareth já está muitos armários adiante, andando depressa.

— Ei, calouro! — chamo.

Por um segundo, pensei que ele não fosse parar. Mas Gareth se vira para mim com um revirar de olhos e um suspiro.

— O quê? — pergunta ele.

— Tá atrasado para alguma coisa? — indago.

— Minha mãe vem me buscar em, tipo, menos de dois minutos, então... Sim.

Ele me lança um olhar furioso, arrumando a mochila no ombro. A ponta da sua camisa acaba prendendo na alça, e revela uma mancha roxa e dolorida espalhada na costela.

— Você já me expulsou do clube. O que mais quer de mim?

— Ei, ei, ei... Quem falou em expulsão?

— Você. Quando *me matou*.

— E daí? — pergunto.



— E daí que... — Gareth hesita, confuso, alternando o apoio dos pés. — E daí que Illian tá fora. Então eu tô fora também.

— Então você cria um novo personagem.

Gareth me encara, surpreso, como se não tivesse cogitado essa possibilidade.

— É?

— Você acha que vou deixar alguém doido o suficiente para enfrentar um Kraken sair dessa campanha? Sem chance. — Eu me inclino para mais perto, com um sorriso travesso. — Os outros manés não vão durar um milissegundo no labirinto de Ralishaz sem sua coragem.

— Vai ser difícil, é?

— Vai ser *terrível* — declaro, dando risada do sorriso de Gareth. — A gente só precisa criar um novo personagem para você. Está livre amanhã depois da escola?

— Só preciso perguntar para minha mãe — diz Gareth.

Ele assente com uma intensidade que deixa evidente que, seja qual for a resposta da mãe, ele vai estar lá.

Escuto uma buzina de carro vinda do estacionamento da escola. Alguém parece estar perdendo a paciência.

— Droga — resmunga Gareth. — Preciso...

— Sem problema, cara.

Ele se apressa e desce alguns degraus do corredor principal e de repente hesita.

— Você está falando sério, né? — pergunta, inseguro. — Posso mesmo voltar?

— Enquanto quiser ficar no Hellfire Club, vai ser sempre bem-vindo.

Gareth assente e baixa o olhar, como se tentasse memorizar as palavras.

— Beleza — diz Gareth, e então segue para a entrada principal da escola.

Eu o acompanho com o olhar até perdê-lo de vista.

— Nossa, e logo hoje deixei minha caixinha de lenço em casa.

Ronnie está atrás de mim, abraçando um fichário lotado de papel. Ela finge enxugar as lágrimas e solta uma gargalhada quando eu lhe dou um empurrãozinho no ombro.

— Cuidado! — repreende ela. — Stan vai ficar furioso se eu derubar isso aqui.

— Tem alguma coisa a dizer, Ecker?

— A única coisa que eu *sonharia* em dizer é: me dá uma carona? Reviro os olhos.

— É a última vez — declaro.

— Última vez — promete Ronnie.

Ela me segue até o estacionamento, e nós dois sabemos que não vai ser a última vez. Mas esse roteiro é a base da nossa amizade. Ela me pede vários pequenos favores; eu finjo que sou responsável; os dois saem ganhando. Tem sido assim desde quando eu meio que herdei a van do meu pai no começo do ano passado. Tem sido assim desde que nos conhecemos.

“O que você está fazendo?”, perguntou ela.

Mesmo aos oito anos, Ronnie era mais alta que eu, e surgia atrás de mim vestindo sua jardineira surrada feito o fantasma de uma fazendeira.

O que eu vinha fazendo era sentir pena de mim mesmo. Um telefonema de um antigo amigo com um convite para beber fez meu pai sair às pressas com promessas vazias — “estarei de volta antes que perceba” e “sabe como o fogão funciona, né?”. Passei a noite toda vigiando a rua e esperando por ele, esperando, esperando, esperando, até que adormeci ali mesmo, sentado, com a cabeça encostada na janela.

Foi a primeira vez que ele sumiu da face da Terra; algo que passaria a acontecer muitas outras vezes. Mas eu não sabia disso ainda. Então fiquei apenas vagando pela casa vazia durante dois dias, vivendo à base de sanduíche de manteiga de amendoim e refrigerante sem gás, até que meu tio Wayne se deu conta do que estava acontecendo e veio me buscar para morar com ele em seu trailer “até que o Al coloque a cabeça no lugar e dê o ar da graça”.

Fiquei furioso quando cheguei ao estacionamento de trailers, ainda mais porque estar naquele lugar significava que meu pai não saberia onde me encontrar quando voltasse. Mas Wayne não me levou a sério quando insisti que um aluno do quarto ano do ensino fundamental era mais do que capaz de cuidar de si mesmo. Então fiquei

preso naquele trailer decrepito e empoeirado sem nada para fazer além de cavar buracos na floresta ali perto.

Foi então que essa garota apareceu.

Ronnie também havia acabado de se mudar para o estacionamento de trailers. Ela estava morando com a avó porque, após a morte do pai, sua mãe ficou doente e começou a falar sozinha. Ronnie tinha cabelos e olhos castanhos, e as pessoas pensavam que éramos irmãos quando nos viam juntos. Contei que estava cavando um buraco para chegar ao outro lado do mundo, e ela me perguntou se poderia ajudar, porque não tinha mais nada para fazer.

Depois fiquei sabendo que era mentira — na verdade, ela havia deixado de assistir *M\*A\*S\*H* com a avó apenas para me fazer companhia. Só que eu estava muito ocupado tendo uma amiga pela primeira vez em um bilhão de anos para suspeitar de qualquer coisa. E mesmo depois que meu pai apareceu e me levou para casa enquanto contava histórias sobre algum cara babaca no Kentucky que lhe devia dinheiro, Ronnie e eu continuamos próximos.

Todos os outros integrantes do Hellfire Club têm mães que vão buscá-los na escola e porta-retratos com fotos de família espalhados na lareira de casa. Então é muito reconfortante ter alguém por perto que não representa a imagem perfeita de uma família feliz.

Dou partida na van. Ronnie é tão alta que sua cabeça quase encosta no teto do carro, e a aba de seu boné de veludo preenche os poucos centímetros restantes.

— Casa? — pergunto.

Ela assente, largando o fichário no chão da van.

— Vovó quer que eu vá jantar com ela.

— Mas está tudo certo para mais tarde, né?

O soco que Ronnie dá no meu braço é tão forte que machuca.

— Você se preocupa demais — declara ela.

A gente continua implicando um com o outro conforme a van segue pela estrada em direção aos arredores de Hawkins. É confortável, um diálogo que já repetimos milhares de vezes. Certa vez, quando tínhamos treze anos, por um segundo cheguei a pensar que talvez nossa relação fosse quase um namoro — afinal, ter uma amiga que me conhecia tão bem me fez sentir que talvez o sentimento fosse român-

tico. Depois de conter essa novidade por uma semana ansiosa, decidi que a única opção era tomar uma iniciativa e chegar em Ronnie.

Não estava preparado para o grito que ela deu ao se afastar de mim quando me aproximei para beijá-la.

“Qual é o seu problema, Munson?”

Naquele momento, não consegui fazer nada além de gaguejar, ficar vermelho de vergonha e sair correndo feito um covarde. Alguns dias depois, quando a poeira baixou e ambos estávamos achando um pouco menos que aquilo era o fim do mundo, Ronnie me explicou que não era comigo — na verdade, ela não gostava de ninguém *daquele jeito*. Ela achava que nunca tinha sentido interesse romântico em ninguém. E depois perguntou se eu estava bem com aquilo.

Pensei por um momento.

“Isso significa que podemos continuar amigos?”

Ela deu um soco no meu braço, no mesmo lugar de sempre.

“Não seja idiota”, respondeu.

Solto um suspiro, e Ronnie apoia os pés no painel da van.

— É sério? — indago.

— Não quero pisar nas coisas do Stan. E não é minha culpa sua van ser tão pequena.

— Minha van não é o problema. Você é que tem essas pernas enormes.

— Vou te contar um segredinho sobre essas pernas enormes — começou Ronnie.

Ela continua com os pés no painel, e eu sei reconhecer quando perdi uma batalha, então fico em silêncio.

Ronnie continua:

— Daqui a... quatro meses? Essas pernas enormes vão entrar no meu novo apartamento em... *Nova York*.

Quase piso no freio com tudo.

— Não!

— Sim.

— Você conseguiu a bolsa?

Ronnie sorri.

— Universidade de Nova York, meu bem. *Bolsa. Integral*.

Piso fundo no freio e estaciono a van no acostamento.

— Caramba! Caramba! Quando que...

— Ontem à noite.

— Ontem à noite?! Por que não me contou antes?

— Estou contando agora.

Já sei por que ela não me contou antes.

— Ei, você sabe que estou feliz por você, não sabe? — pergunto.

Ronnie encolhe os ombros.

— Sei.

Mas eu não acredito.

Porque Ronnie e eu somos muito parecidos, sabe? Temos famílias desestruturadas, roupas de segunda mão e o mesmo corte de cabelo. Já moramos no mesmo estacionamento de trailers. Só que existe uma grande diferença entre a gente. Sempre existiu.

Veronica Ecker tem potencial. Está indo para a faculdade de direito e vai sair de Indiana, essa droga de estado.

Mas Eddie Munson? Ele vai apodrecer nesta cidadezinha estúpida.

Não é culpa dela. É óbvio que não. Ronnie sempre teve talento para estudar, aprender, essa chatice toda. Mas eu nunca entendi bem qual o objetivo disso tudo. Para mim, a Hawkins High é apenas o lugar onde gasto oito horas por dia antes de escapar por algumas horas num grid de batalha e dados d20 — isso se eu for encantador o bastante ao falar do neto da professora Debbs. Por outro lado, Ronnie tem um boletim excepcional e vários professores fazendo fila para escrever recomendações brilhantes para ela. Enquanto isso, eu tenho apenas o sobrenome...

— Munson.

Seria mentira dizer que o barulho na minha janela é apenas uma batidinha. Está mais para uma martelada, alta o suficiente para me deixar, por um instante, preocupado com a integridade do vidro. Ronnie e eu nos viramos para olhar.

Sinto o coração afundar. Estava tão envolvido com a boa notícia de Ronnie e minha terrível reação que não percebi quando a viatura de polícia parou logo atrás de mim. Agora tem um policial do lado de fora, com um sorrisinho debochado e gesticulando para que eu abaixe o vidro.

— De novo — murmura Ronnie.

— Sempre — sussurro, abrindo a janela da van. — Policial Moore. Como posso ajudá-lo nessa agradável tarde de primavera?

O cabelo loiro raspado e a mandíbula quadrada dão a Moore um visual bem americano, como um legítimo Super-Homem, só que nenhum uniforme engomado ou sapato engraxado disfarça sua barriga de chope da meia-idade. Ele já foi um grande policial da cidade antes de eu nascer, praticamente um herói. Pelo menos foi o que me contaram. Só que ele já me abordou diversas vezes no trânsito, e isso só piorou desde que completei dezoito anos. Se eu não soubesse quais são suas verdadeiras intenções, poderia dizer que está me perseguindo.

Ele balança a cabeça, deixando escapar um som fingido de desaprovação.

— Logo vi que era você, Munson. Quantas vezes vamos precisar ter essa conversa?

— Isso é algo que deve perguntar a si mesmo, policial. É você quem sempre arranja um jeito de esbarrar comigo.

— Você estava dirigindo de forma irresponsável — diz Moore. — Começou a beber um pouco cedo demais hoje?

— Não.

— A gente acabou de sair da escola — comenta Ronnie, tentando me ajudar.

Não posso dizer a ela que isso não vai funcionar.

— Se eu revistar o veículo, será que vou encontrar alguma substância ilícita? — pergunta Moore.

— Você nunca encontra — rebato.

A expressão dele se fecha. Ele abre a boca, provavelmente para me mandar destrancar a porta traseira, e me preparo para perder uma hora enquanto Moore revista a van inteira, como sempre faz.

Mas o rádio da viatura faz um chiado.

— Policial Moore, temos um 10-16 na Fleming...

Moore solta um suspiro furioso. Se essa abordagem de trânsito fosse realmente importante, ele avisaria à equipe que está ocupado, mas como não é...

— Estou de olho em você — avisa ele.

— Promete? — pergunto, piscando de um jeito adorável.

Mantenho a expressão mesmo quando Ronnie me cutuca com o cotovelo.

O policial bufa.

— Pode rir agora, mas nem o seu pai fazia gracinhas dentro de uma cela. E é na cadeia onde todos vocês, Munson, vão parar, uma hora ou outra.

Moore volta à viatura, e a van fica em silêncio. Ele acende os faróis e acelera, passando à nossa frente na estrada. Eu o vejo se afastar e então relaxo meus dedos no volante, as articulações brancas da pressão.

— Eddie... — diz Ronnie.

Mas não consigo ouvir nada. Pelo menos não vindo de alguém que ganhou na loteria da vida, alguém em quem o mundo acha que vale a pena investir.

— Tira os pés daí — peço.

Ela abaixa os pés sem questionar.

— Você não vai querer chegar tarde para o jantar — declaro.

E então piso fundo no acelerador.

Se estou indo para lugar nenhum, ao menos vou chegar lá o mais rápido que eu puder.



## Capítulo Dois

Não existe em Indiana um lugar com o nome mais apropriado do que o Esconderijo. Sua localização é de terrível acesso para qualquer pessoa que more em Hawkins; a construção se esconde entre uma siderúrgica desativada e um milharal abandonado. Por mais que a vizinhança seja o fundo do poço para o comércio em geral, é perfeita para um pé-sujo como esse, o tipo de bar a que as pessoas vão quando não querem ver a luz do sol. As janelas são fechadas com tijolos desde sempre, porque é mais difícil atirar alguém para fora quando se tem uma parede sólida em vez de vidro. O piso de carpete nunca foi limpo nem aspirado, e as bancadas são tão pegajosas que certamente já desenvolveram um ecossistema próprio.

E essa espelunca é um dos lugares mais importantes da minha vida. O que isso diz sobre mim?

— Júnior! Cerveja!

Bev é a orgulhosa proprietária desse estabelecimento encantador desde que “o vagabundo” de seu marido (nas palavras dela) morreu sob circunstâncias misteriosas dez anos atrás. Ela pinta o cabelo de acaju, tem estrabismo e está sempre gritando como se a música estivesse alta demais ou se o lugar estivesse lotado. Mas o Esconderijo não é um lugar aonde as pessoas vão para se divertir. É um lugar para se esconder, e se esconder é uma atividade silenciosa.

Isso significa que os gritos da Bev sempre me assustam.

— Pelo amor de Deus — sussurro.

Quase derrubo um copo na cabeça do Sam Bebum. O velho só murmura alguma coisa incompreensível e vira uma dose de uísque barato.

— Ela ainda te chama de Júnior? — pergunta Ronnie. — Pensei que você tivesse pedido para ela parar.

Ronnie, Jeff e Dougie estão ao redor de uma mesa alta, revezando a única garrafa de cerveja que seus trocados puderam comprar. Jeff lança olhares tensos para Bev, como se ela fosse começar a se importar com o fato de ele ter apenas dezesseis anos. O Esconderijo nunca exigiu identidade antes, não ia começar agora.

— Eu vou... Eu tenho que... — digo, acenando e indo até o bar antes que Ronnie peça que eu termine a frase.

Bev já está me olhando quando eu coloco o copo no balcão.

— Eu não te pago para ficar de conversinha com seus amigos — avisa ela.

— Você praticamente não me paga. Falando nisso... são dez horas. Bev revira os olhos.

— Você encontra qualquer desculpa para não trabalhar.

Ela só está provocando. Faço uma carinha fofa em vez de morder a isca e, por fim, Bev acaba cedendo.

— Está bem. Vai lá. Mas vê se não demora muito dessa vez.

— Jamais — garanto, limpando a mão no pano de prato.

Dou uma olhada para Ronnie e assinto. *Hora do show.*

O palco do Esconderijo não devia ser chamado de palco. Não passa de uma estrutura elevada que o marido vagabundo da Bev fez e empurrou num canto. A madeira range de um jeito ameaçador a cada passo, e com certeza um dia vai ceder e eu vou parar embaixo desse negócio com o tornozelo quebrado.

Mas, no fim das contas, é um palco. E, mais importante, é onde a Corroded Coffin vai se apresentar (e, em troca disso e uns trocados, preciso ralar atrás daquele balcão quatro noites por semana). E isso basta.

Não demora muito para Ronnie, Jeff e Dougie se ajeitarem com os instrumentos. Quando posiciono minha guitarra, eles já estão prontos. Ronnie tinha chegado mais cedo para tirar a bateria da minha van e montar no palco, e Jeff e Dougie só precisavam plugar a guitarra e o baixo nos amplificadores surrados que Bev não tirava do lugar. Vou para perto de Jeff, ignorando o rangido das tábuas, e coloco a alça da guitarra no ombro.

— Um público e tanto, hein? — comenta Dougie, impassível.

Jeff dá de ombros.

— O Sam Bebum ainda está acordado. Já é alguma coisa.

— Que se dane — digo. — A gente está aqui pra tocar.

Ronnie gira uma baqueta entre os dedos.

— Então vamos incendiar este lugar!

Ela lança um sorriso diabólico para mim, e eu retribuo. Então, tão intensamente quanto este pequeno palco permite, encaro nosso pequeno público e...

Tem essa coisa que surge às vezes, quando a Corroded Coffin toca. Um sentimento de estarmos em sintonia, no mesmo ritmo perfeito, e de repente é como se, ao tocar, conjurássemos uma ventania, um tornado ou um impetuoso *furacão*. Uma força real, primitiva, da natureza. Mas esse poder avassalador não nos domina. Pelo contrário, nos carrega, nos conduz, e nós navegamos com ele até que a última nota se desfaça no silêncio. Levados pelo turbilhão da música, juntos, nós *voamos*.

E hoje... hoje é noite de furacão. Dá para sentir essa vibração desde a primeira batida da bateria de Ronnie, nos levando às garras melódicas de “Whiplash”, do Metallica. Em seguida, entram as guitarras, e eu me perco por um instante. Ronnie está atrás de mim, mantendo o ritmo que me leva adiante, e Jeff e Dougie me mantêm concentrado, indo e voltando entre harmonia, melodia, harmonia...

Quando me dou conta, estou ofegante e suado, e o ruído do retorno ecoa nos amplificadores. Afasto alguns fios de cabelo do rosto. Meus dedos estão trêmulos.

— Nós somos a Corroded Coffin! — exclamo para o público, que não está nem aí. — A nossa próxima música é “E-e...”

Começo a gaguejar, então Jeff interrompe tocando os primeiros acordes de “Electric Eye”, do Judas Priest. Mas eu não acompanho.

— Foi mal — murmuro.

Arrisco cantar a introdução na segunda deixa e consigo sem problemas. Finalmente entramos na música e estamos indo bem...

Não há tempestades incontroláveis desta vez. Não me perco na música. Porque não consigo desviar a atenção de uma coisa.

Tem uma pessoa *nova* no Esconderijo.

Ela está sentada no bar, diante de um copo com um líquido marrom que deve ter um gosto terrível. Está sentada numa banquetta, e mesmo que eu não consiga visualizar bem seu rosto por causa da luz baixa dá para ver que a perna dela está balançando no ritmo da música.

Todas as outras pessoas estão apenas rangendo os dentes e fazendo hora até a gente dar o fora daqui. Mas essa garota... ela está *escutando*. Talvez pela primeira vez eu tenha um público que *quer me ouvir*.

É inebriante. Esse sentimento atravessa meus ossos, minha pele e meus dedos. Sob o olhar dessa garota, parece que estou derretendo, e, em vez de me transformar em água, viro um metal liquefeito, como mercúrio. A música está terminando, e então faço algo que nunca fiz antes: conduzo a banda para a próxima. Sem pausa, apenas um acorde sobreposto ao outro, até estarmos *voando*.

O show não pode durar para sempre. Afinal, Bev está me encarando, dando batidinhas no relógio. Mas não quero que tudo termine, ainda não. Quando uma música do Ozzy termina, levanto a mão.

— Obrigado por serem uma plateia sensacional — grito, alto o bastante para fazer Bev revirar os olhos.

Posso estar delirando, mas em meio à ausência de resposta, acho que vi a garota dar uma *piscadinha*.

— Temos mais uma surpresa para vocês esta noite...

— Júnior... — chama Bev, tentando interromper.

Viro para meus parceiros de banda.

— O que foi, Eddie? — pergunta Dougie.

— “Fire Shroud” — digo. — Vamos tentar essa.

— Mas a gente só tocou no ensaio — protesta Jeff.

— Tudo tem sua primeira vez! — rebato.

Dougie arregala os olhos.

— Enlouqueceu? Essas pessoas mal estão suportando os covers. Elas *com certeza* não vão dar a mínima para nossa música autoral.

Eu o ignoro.

— Ronnie? — chamo.

Mas o olhar dela não está em mim. Ela está observando a garota.

— “Fire Shroud”... — diz, de repente me encarando com um olhar brincalhão. Ronnie sabe muito bem o que estou pensando, e acha isso hilário. — Quer saber? Acho que é uma *ótima* ideia.

Dougie não tem tempo para reclamar, porque Ronnie faz a contagem com as baquetas e começa a música. Jeff e Dougie se esforçam para acompanhar, e logo entramos em harmonia e...

Estamos tocando nossa própria canção para a plateia. Estou berlando as palavras de uma composição minha. Não é uma performance impecável — tropeço na letra algumas vezes e Jeff esquece o refrão —, mas no fim das contas é tudo perfeito, *sim, é perfeito pra caramba*. E sentada no bar, a garota continua mexendo o joelho, ainda acompanha a batida da música — a batida da *minha* música.

Estamos na última nota quando os amplificadores soltam um terrível ruído agudo. Hesito por um instante, o ouvido doendo. Em seguida, congelo quando vejo Bev. Ela está do lado do palco, furiosa, segurando o cabo do amplificador.

— Não me provoque — avisa, entre os dentes, soltando o cabo como se fosse uma cascavel. — Você está me arranjando uma enxaqueca.

— Isso foi sensacional — solta Jeff, enfiando o baixo na capa.

Dougie também está guardando a guitarra, mas muito quieto. Ele nunca vai me perdoar por levá-lo ao limite daquele jeito.

— Isso foi *sensacional* — repete Jeff.

Ronnie me cutuca nas costas com as baquetas.

— Bom trabalho — diz ela, enfiando as baquetas no cinto.

— Quer uma bebida? — pergunto. — É por conta da casa. Eu te devo essa, por me dar cobertura.

Ronnie abre um sorriso.

— Olha só, você pode me pagar desmontando e guardando a bateria, que tal? Porque se perder a oportunidade que a gente acabou de criar bebendo *comigo*, eu nunca vou te perdoar.

O jeito com que ela indica a garota do bar com a cabeça não é nada sutil, e eu *com certeza* fico todo vermelho.

— *Ronnie...*

— Divirta-se! — cantarola ela, descendo do palco.

— Você é terrível — sussurro.

Ronnie dá um “tchauzinho”, sem se virar. Dá para ver que ela está rindo, porque seus ombros balançam levemente, e em seguida ela sai do Esconderijo, e a porta bate com força.

## APÓS OS BEST-SELLERS *RAÍZES DO MAL* E *CIDADE NAS TREVAS*, NOVO LIVRO OFICIAL DE *STRANGER THINGS* REVELA O PASSADO DE EDDIE MUNSON

Para muitos, Hawkins é apenas uma cidadezinha tranquila do interior de Indiana. Mas para Eddie Munson, cada canto daquele lugar é um show de horrores. Felizmente, faltam apenas alguns meses para ele se formar na Hawkins High, e o ensino médio não passa de uma distração entre muitas sessões de *Dungeons & Dragons* com o Hellfire Club e apresentações com sua banda, a Corroded Coffin.

Por sofrer as consequências da terrível reputação de sua família, Eddie não imaginava que, de uma hora para outra, receberia a chance de mudar sua vida e a de seus amigos. Em 1984, num pé-sujo onde toca com a banda, ele conhece Paige Warner, uma linda caçatalentos de uma gravadora em Los Angeles que vê na Corroded Coffin exatamente o que estava buscando.

Mas realizar sonhos tem um preço alto. E a banda precisa gravar uma fita demo para mostrar sua música. Mesmo sem poder arcar com as despesas da gravação e a possível mudança para a Califórnia, Eddie está disposto a tudo para escapar de Hawkins. Inclusive recorrer ao pai.

Como sempre, Al Munson voltou para casa depois de sumir por um longo tempo. Dessa vez, no entanto, ele convida o filho para integrar um de seus obscuros esquemas criminosos que pode resultar em milhares de dólares. Será que Eddie vai embarcar nesse arriscado plano?

A nova obra oficial do universo de *Stranger Things*, escrita por uma das roteiristas da aguardada conclusão da série, se passa dois anos antes dos eventos da 4ª temporada e aprofunda a trama de um dos personagens mais queridos pelos fãs.

### SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/stranger-things-o-voo-de-icaro/>